

**ROMANTISMO NA PROVÍNCIA: VESTÍGIOS ALVARESIANOS NA IMPRENSA PIAUIENSE (1853 - 1912)****ROMANTICISM IN THE PROVINCE: ALVARESIAN VESTIGES IN THE PRESS OF PIAUÍ (1853 - 1912)**Natália Gonçalves de Souza SANTOS<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo procura rastrear e discutir a recepção crítica à obra de Álvares de Azevedo (1831 – 1852), nas páginas periódicas do Piauí, entre meados do século XIX e inícios do XX. Partindo de um lugar comum que aponta para a notória popularidade desse escritor romântico, consolidada, a princípio, não apenas em todo o Brasil, mas no exterior, o artigo procura relativizar essa impressão. A partir de levantamentos realizados em fontes primárias, busca-se considerar o ângulo da província, o desenvolvimento da imprensa e do gosto locais, bem como nuances nas formas de apropriação da estética romântica desenvolvida no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Álvares de Azevedo. Recepção crítica. Nacionalismo literário. Periodismo literário.

**ABSTRACT:** This study aims to track and discuss the critical reception of Álvares de Azevedo's work (1831 - 1852), on Piauí's periodical pages, between the middle XIX and early XX centuries. Based upon the commonplace which points to the notorious popularity of this romantic author, consolidated, initially, not only throughout Brazil, but also abroad, this paper seeks to relativize that impression. Based on surveys carried out on primary sources, it is taking into consideration the provincial perspective, the press development and local preferences, as well as the nuances on the appropriation forms of the romantic aesthetic developed in Brazil.

**KEYWORDS:** Álvares de Azevedo. Critical reception. Literary nationalism. Literary press.

## Introdução

Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831 – 1852) é, conforme se costuma dizer, dos autores brasileiros mais conhecidos e, talvez, mais lidos de nosso cânone romântico. O fenômeno de popularidade que a sua obra representou pode ser aferido pela quantidade de edições que ela alcançou, ainda no século XIX: um total de seis que, em geral, dividiam-se em três tomos. Mais impressionante para os padrões da época é, certamente, o fato das obras completas terem alcançado duas edições num mesmo ano, em 1862 (RAMOS APUD AZEVEDO, 2002, p. 548), o que indica, possivelmente, o auge do sentimentalismo romântico no Brasil.

---

1. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP, professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. Email: natalia.g.santos@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4679-0963>.

Já em 1855, seus escritos cruzam o Atlântico, sendo primeiramente recepcionados por Lopes de Mendonça que, em suas *Memórias de literatura contemporânea*, traça-lhe um perfil biográfico, acrescido de alguns comentários sobre a sua poesia. Ao final do século, o autor já conta com uma reputação consolidada no reino, como atesta o longo artigo redigido por António Xavier Rodrigues Cordeiro, estampado no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiras para o ano de 1878*, não sem também angariar a atenção e a estima das pequenas folhas estudantis de Coimbra, confirmando a predileção estudantil pelo autor da *Lira dos vinte anos*, apontada por Silvio Romero (cf. SANTOS, 2020, p. 186).

Ainda no que se refere à popularidade oitocentista de Azevedo, o verbete a ele dedicado no *Dicionário bibliográfico português*, de Inocêncio Francisco da Silva, afere-a de um outro modo: “As folhas diárias do Rio de Janeiro, e das outras províncias do império, comemoraram todas honrosamente o nome do malogrado poeta” (SILVA, t. 5, 1860, p. 358). Não parece claro se o dicionarista se refere ao momento da morte do poeta e à sua repercussão em território brasileiro, embora seja importante dizer que Azevedo só se tornou conhecido como tal algum tempo depois disso, uma vez que sua obra poética é de publicação póstuma, ou se Silva sugere o fato de que o nome do autor circulava, àquela altura, por todo o país, angariando os mais diversos elogios.

De todo modo, é essa circulação do nome de Álvares de Azevedo pelas páginas periódicas das províncias do império, no caso as do Piauí da segunda metade do século XIX e inícios do XX, que nos interessa neste artigo. Em centros como Recife, adensados por suas condições econômico-sociais, que propiciaram a sua eleição para sede de uma das academias de Direito a serem instaladas no império, em 1827, essa circulação poderia estar mais garantida. No entanto, numa região reputada, no século XIX, como das mais remotas e esquecidas do nosso território, destinada exclusivamente à criação bovina e onde o trânsito de bens culturais era praticamente inexistente (PINHEIRO, 1937 APUD MAGALHÃES, 2002, p. 116), essa recepção poderia não ter tido o mesmo alcance ou não ter ocorrido de forma simultânea a de outras partes do império.

Nesse sentido, este estudo pretende localizar e discutir o que chamaremos de vestígios da recepção do autor de *Noite na taverna* no Piauí oitocentista, relativizando a popularidade acima referida e considerando tanto as possíveis implicações do desenvolvimento da estética romântica no Brasil, quanto as condições locais dessa recepção. Para tanto, apresentaremos, num primeiro momento, breves considerações acerca da instalação e desenvolvimento da imprensa nessa província, passando às rarefeitas menções ao nome do poeta paulista até o seu maior reconhecimento, em inícios do século XX. As diferentes recepções ao autor na imprensa local, seja de um ponto de vista da quantidade delas, seja em função do tipo de crítica que ele recebe, serão examinadas à luz de artigos estampados em folhas piauienses.

## Romantismo e imprensa na província

Parece não haver consenso acerca das reais condições e circulação de bens culturais no Piauí oitocentista. Se é certo que elas não eram favoráveis, a ponto de projetar os da terra a escreverem e publicarem suas obras em outras regiões, sobretudo no Recife, devido aos altos custos de produção do livro em sua província (CHAVES APUD CIARLINI, 2019, p. 25), para estudiosos como Alcebíades Filho, a ideia do vazio cultural faz parte de um “estereotipado desenho traçado em relação à sociedade piauiense oitocentista” (FILHO, 2013, p. 1), no seio da qual circulavam alguns livros e vicejava um tímido periodismo cultural.

De fato, apesar do relativo atraso na publicação do primeiro jornal, chamado *O piauiense*, que se deu na cidade de Oeiras, então capital da província, em 1832,<sup>2</sup> a segunda metade do oitocentos viu nascer na região, alguma ebulição cultural, mais intensa depois da mudança da capital para a recém-fundada Teresina. Antes disso, é possível dizer que alguns passos do desenvolvimento da imprensa local acompanharam o que se podia ver no restante do império. Ferreira e Rêgo, por exemplo, informam que

[...] os primeiros jornais do estado, *O Piauiense* (1832), *O Diário do Conselho Geral* (1833), *O Correio da Assembleia Legislativa* (1835) e o *Telégrafo* (1839), assim como alguns dos primeiros jornais brasileiros, como a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808), eram de caráter oficial, sendo assim, rotulados de áulico ou chapa branca por apresentarem como principal objetivo a manutenção de uma opinião pública favorável às ações do governo (FERREIRA; RÊGO, 2014, p. 4).

Durante toda a década de 1840, o jornalismo piauiense ainda apresentava as tramas políticas como sua temática principal, pouco se via de literatura e quando isso ocorria era por meio de poemas, pois eles ocupavam menos espaço na edição final. Porém, “com a instauração do Ministério da Conciliação, em 1853, o jornalismo nacional toma novas feições que estão diretamente relacionadas com o surgimento e desenvolvimento do jornalismo cultural” (FERREIRA; RÊGO, 2014, p. 7). Essa estabilidade política parece ter sido sentida também no Piauí, pois, em 1851, é lançado, ainda em Oeiras, o jornal *Recreio Literário*, que é considerado o marco inicial das publicações culturais no estado. Ele é criado por uma sociedade que apresenta “um posicionamento editorial que enaltece a cultura frente à política assim como por sua representação de ideário cultural que será seguida pelos demais periódicos” (FERREIRA; RÊGO, 2014, p. 8).

---

2. Tais demarcações são relativas, pois se há de fato atraso em relação à corte, que imprimiu seu primeiro jornal em 1808, o *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808/22), quando se pensa em outras províncias, caso de São Paulo, que teve seu primeiro periódico em 1827, o *Farol paulistano*, a diferença temporal não parece ser tão significativa, tendo em vista as condições do século XIX.

Esse jornal, ao que parece, tem forte tendência iluminista, buscando a valorização do homem que se engrandece culturalmente por meio do saber. Outro acontecimento importante para a mudança do quadro da imprensa piauiense é, como dito, a transferência da capital da província para a cidade de Teresina, em 1852, que significou, para Ferreira e Rêgo, “a instauração do pensamento moderno em definitivo na mentalidade da elite local fazendo com que a cultura passe a ser vista como um mecanismo necessário e representativo do mundo civilizado” (2014, p. 13).

Por outro lado, segundo nos informa Ciarlini, o número de jornais eminentemente literários era ainda bastante diminuto: “dos 225 periódicos fundados de 1832 a 1900, menos de 15% admitiam em suas páginas, de forma exclusiva, a literatura, divididos entre suas principais cidades” (2019, p. 26), ou seja, Teresina, Parnaíba e Oeiras. Em seu estudo, ele considera também “aqueles títulos de caráter misto, que dividiam a literatura ora com o noticiário, o aspecto comercial ou a política” chegando ao número de 75 folhas (CIARLINI, 2019, p. 26).<sup>3</sup> Assim como se pode verificar em outras regiões, as iniciativas literárias na imprensa eram bastante efêmeras, em muitos casos, não passando da primeira edição, e de circulação restrita, impossibilitando, no caso piauiense, a ressonância dos autores locais em outras partes do império.

Ainda foram precisos quase dez anos, a contar da fundação do primeiro periódico literário na província do Piauí, para encontrarmos uma primeira menção a Álvares de Azevedo. Ela se deu no jornal teresinense *O expectador* (1860/1862), na seção a pedido, e trata-se de estrofe do poema “Anjinho”, utilizada como epígrafe de outro poema escrito por ocasião da morte de uma criança. Apresentamos a transcrição do jornal, na qual falta o verso “Era uma estrela divina”, que antecede o último verso:

Não chorem! que não morreu.  
Era um anjinho do céu  
Que um outro anjinho chamou!  
Era uma luz peregrina  
Que ao firmamento voou!  
(AZEVEDO, O EXPECTADOR, 1861, n. 92, p. 4).<sup>4</sup>

Esse poema faz parte da primeira parte da *Lira dos vinte anos*, momento no qual o eu lírico nos apresenta “o mundo visionário e platônico” (AZEVEDO, 2002, p. 139), entoando a “monodia amorosa” (AZEVEDO, 2002, p. 140). Ele teria sido composto por

---

3. Para o presente estudo, consideramos todos os jornais disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no site do projeto Memória do Jornalismo Piauiense, da UFPI (<http://memoriadojornalismopi.com.br/>). No entanto, apesar do esforço de conservação dessas instituições, muitos foram perdidos ou se encontram incompletos, o que deixa as pesquisas sempre lacunares. Nesse sentido, agradecemos ao professor Daniel Castello Branco Ciarlini que nos disponibilizou materiais coletados por ele em arquivos físicos de acesso restrito.

4. A grafia dos textos retirados dos jornais foi atualizada, o título dos periódicos, não.

ocasião do falecimento de um dos filhos do imperador D. Pedro II, ocorrido ainda em tenra idade e, no jornal, vem a cumprir função semelhante.

Encontramos, mais uma vez, versos alvaresianos servindo de epígrafe em *A imprensa*: periódico político. Esse jornal, embora fosse, como o próprio subtítulo aponta, voltado para assuntos políticos, traço mais do que natural, uma vez que ele era oficialmente ligado ao Partido Liberal na região, cumpre um papel cultural de relevo. Segundo informa Pinheiro Filho (1997), esse jornal, um dos poucos que teve vida longa em terras piauienses, tendo sido publicado entre 1865 e 1889, contou com a participação, em seus primeiros anos, de Deolindo Mendes da Silva Moura (1835-1872) e David Moreira Caldas (1836-1878), jornalistas importantes naquele meio intelectual, sendo o segundo reputado como um dos primeiros a dedicar-se com afinco à promoção das letras na imprensa piauiense.

E é por meio da pena de outro notável homem de letras do Piauí oitocentista, Licurgo de Paiva (1842-1888), um dos precursores do romantismo local, que temos acesso ao seguinte verso alvaresiano “Morreu para animar futuras vidas” (AZEVEDO, A IMPRENSA, 1869, n. 195, p. 2), extraído do poema “Glória moribunda”. Tal verso serve de epígrafe ao poema de Paiva dedicado ao ilustre general Abreu e Silva (1794-1869), que falecera no Recife, causando certa polêmica quanto ao local do seu sepultamento, como se pode ver nos seguintes versos de Paiva, subsequente aos de Azevedo:

Abreu e Lima morreu! É uma história  
Q’o século dezenove aos outros lega  
Toda cheia de dó;  
Viu-se a Igreja negar-lhe um pouso eterno  
E os irmãos desse ilustre veterano  
Cubrirem-se de pó!  
(PAIVA, A IMPRENSA, 1869 n. 195, p. 2).

Paiva transcreve o verso alvaresiano sem a interrogação que lhe encerra no poema original, sugerindo que pretendia assegurar o caráter exemplar da vida e da morte do general, sem margem para dúvidas. Esse poema, parte das Poesias Diversas, já traz um talhe mais agônico e lúgubre que o primeiro por nós arrolado, no qual o eu-lírico buscava o consolo perante à morte, não a exploração do que ela tem de inexorável. Torna-se interessante ressaltar, por meio desses dois exemplos, a ligação estabelecida entre o autor da *Lira dos vinte anos* e as ocasiões fúnebres as mais diversas, evidenciando uma maneira de se compreender a sua obra.

No entanto, aquilo que mais chama a atenção é a distância temporal entre uma e outra citação da obra de Álvares de Azevedo, justamente numa década na qual sua obra conhecia uma acentuada popularidade, a de 1860. Tal fato torna-se ainda mais significativo quando lhe juntamos a informação de que não foi possível encontrar ou-

tras menções aos seus poemas e demais escritos, ainda na segunda metade do século XIX. É preciso destacar que não se trata de desconhecimento em relação ao que se publicava e encontrava certo êxito nos principais eixos sociais e econômicos do país, como o Rio de Janeiro.<sup>5</sup> Nas páginas do periodismo piauiense oitocentista, pode-se localizar, de maneira dispersa, poemas de Castro Alves<sup>6</sup> e Fagundes Varela<sup>7</sup>, para citar exemplos do cânone nacional. Também se pode encontrar escritos de autores de diferentes nacionalidades, caso de Camilo Castelo Branco<sup>8</sup> e E.T.A. Hoffmann,<sup>9</sup> bem como figuras menos conhecidas atualmente, caso do francês Paul Féval<sup>10</sup>.

O que parece de fato ocorrer é uma orientação programática em relação à literatura de cunho regionalista, que abre espaço aos autores locais – nada mais justo tendo em vista os escassos espaços de publicação que esses escritores poderiam ter –, sobretudo quando não tinham oportunidade de deixar, mesmo que momentaneamente, a sua província de origem. Daniel Ciarlini nos explica que essa vertente, tributária da nacionalista, conheceu no Piauí do século XIX um momento de pujança, caracterizando-se como a sua principal tendência. Sob a égide de um “regionalismo ufanista de exaltação” (2019, p. 39), Ciarlini afirma que “as imagens locais sempre surgem na produção dos poetas piauienses, sendo raros os casos em que o intimismo não ceda ao topos da ‘vis poética’, tão presente” (2019, p. 61). Essas imagens são, em geral, construídas em torno do rio e sua riqueza vegetal, da vida do vaqueiro e do sertão.

Assim sendo, percebemos evidente incompatibilidade entre boa parte da estética alvaresiana e as tendências principais da literatura que vicejava no Piauí do século XIX, tanto por meio de seus escritores que publicavam alhures, quanto por meio da imprensa nativa. Tal incompatibilidade chega ao rechaço do legado que o autor teria deixado à nossa literatura. É isso que pode ser concluído a partir da leitura de uma carta remetida por P. C. a Flávio Reimar,<sup>11</sup> intitulada “Terra à terra” e publicada na sessão “Literatura” do periódico *A imprensa*, em 1865. Na verdade, a missiva, uma es-

5. Para essa afirmação, baseio-me em recentes levantamentos feitos ao longo de duas pesquisas por mim orientadas, na Universidade Estadual do Piauí, cujos títulos são “Romantismos na província: a recepção do discurso romântico na imprensa piauiense oitocentista”, realizada por Pedro Henrique de Sousa Moreira (PIBIC 2020/2021) e “Nas margens do nacionalismo literário: vestígios do gótico na imprensa piauiense oitocentista”, a cargo de Reinaldo Lucas Nobre de Matos (PIBIC 2020/2021).

6. Para Alves, ver *O argonauta* (poema “Vozes d’África: o escravo”, 1877, v. 005, p. 2 e 3), disponível na Hemeroteca Digital.

7. Para Varela, ver *A phalange* (poema “Ressureição de Cristo”, p. 2, v. 25A, 1889), disponível na Hemeroteca Digital.

8. Para Branco, ver *A pátria* (folhetim Vinte horas de liteira, 1871, a partir do v. 44), disponível no site Memória do jornalismo piauiense.

9. Para Hoffmann, ver *A Opinião Conservadora* (texto em prosa Treva na luz, 1875, v.86, p. 2-3), disponível na Hemeroteca Digital.

10. Para Féval, ver *O Piauí* (folhetim As últimas fadas, 1869, v.72 e v. 73, p. 1). A novela contida neste periódico e sua veiculação pela imprensa piauiense foram recentemente analisadas por Filho e Pereira (2020).

11. Segundo Burgardt, P. C. são as iniciais de “Pietro de Castellamare, pseudônimo de Joaquim Maria Serra Sobrinho, mais conhecido como Joaquim Serra (20/07/1838-29/10/1888), foi jornalista, professor, político e teatrólogo”. Já Flávio Reimar seria “pseudônimo de Gentil Homem de Almeida Braga (1834-1876), jurista, poeta e escritor brasileiro” (2018, p. 153).

pécie de crônica que perpassa vários assuntos, como as questões do dia e a literatura, foi publicada, inicialmente, pel'*O publicador* (1865, n. 930, pp. 3-4), jornal da Paraíba e republicada em *A imprensa*.

Essa republicação pode ser devida à menção e ao apoio ao nome da jovem e algo mística Jovita, que saiu do interior do Piauí rumo ao Rio de Janeiro, a fim de se voluntariar para combater na Guerra do Paraguai. Se a trajetória da jovem é realmente peculiar e intrigante, chegando a ser chamada de “a Joana d’Arc brasileira”,<sup>12</sup> o trecho que nos interessa mais de perto é o seguinte:

A nossa literatura acaba de ser enriquecida com três excelentes livros: *Iracema* por José de Alencar, *Poesias* por Bernardo Guimarães, e *Cantos e fantasias* por Fagundes Varela.

É belo o espetáculo que nos oferece a mocidade inteligente do país!

José de Alencar, para mim, o talento mais esférico que nossa literatura possui, é um espírito infatigável, uma imaginação irrequieta.

No dia em que, jornalista esforçado, pretendeu ser romancista distinto, escreveu o *Guarani* e tomou o primeiro lugar entre os nossos romancistas; dramaturgo de força, é dia de festa em nossos teatros quando se anuncia *Mãe*, *Demônio familiar* ou *Asas de um anjo*; poeta, revelado em todas as suas obras, em *Iracema*, ele conquistou o tríplice florão de paisagista, de cismador e de estilista.

Bernardo Guimarães, o poeta dos *Cantos da Solidão*, mas vigoroso no tom e variado nas cores se manifesta, no último volume de *Poesias*. Espírito contemplativo; americano no fundo e na forma de suas concepções, o voo que desabre é sempre sereno e plácido, a toada de suas harmonias é sempre melancólica e verdadeira.

Fagundes Varela é o único discípulo aproveitado que deixou a escola de Álvares de Azevedo. O jovem poeta da *Lira dos vinte anos* tanto celebrizou o seu nome, como danificou algumas vocações nascentes, que forcejavam por imitá-lo.

Fagundes Varela não é como esses; não é um cético *ex-officio*, um descrentechoramingas, porque o último figurino é um byronismo bastardo. O poeta dos *Cantos e fantasias* não é afetado, e não faz parada de dores que não sente.

Sofre, chora e canta. Por esse motivo o seu livro é apreciável. (P. C., *A IMPRENSA*, 1865, n. 21, p. 3-4).

O trecho é longo, mas bastante elucidativo do cunho programático da literatura brasileira oitocentista. Imbuídos do “sentimento de missão” da qual nos fala Candido (2006, p. 28), boa parte de nossos escritores e críticos do século XIX aplicavam como critério de valor a presença ostensiva da “cor local”, com o objetivo de definir a brasilidade. Nesse sentido, Castellamare faz o elogio aos romances indianistas de Alencar, evidencia o caráter americano da poesia de Bernardo Guimarães e vê com bons olhos os versos de Varela, à medida que ele se afasta do cunho byroniano e cético entrevisto na obra de Álvares de Azevedo.

12. Assis Brasil, célebre romancista piauiense, dedica-lhe um romance histórico intitulado *Jovita: a Joana d’Arc brasileira* (1994).

Além de explicitar suas propensões estéticas, o missivista parece sugerir o arrefecimento da tendência poética aportada pela poesia alvaresiana, sugestão passível de questionamento, considerando-se as duas edições das obras completas, que foram impressas apenas três anos antes da carta aqui discutida. Embora não chegue a negar a celebridade do autor da *Lira dos vinte anos*, pontua que Varela é o único poeta “aproveitado” entre os seus discípulos o qual, felizmente, vinha desbravando outras trilhas poéticas. Pode-se dizer que o trecho deixa implícita a ideia de que, se os demais discípulos, alguns dos quais corrompidos por essa influência nefasta, são, ao que tudo indica, poetas menores, muito provavelmente eles serão esquecidos pela posteridade. Dessa forma, a “febre” alvaresiana seria logo superada, deixando a jovem literatura brasileira isenta de seus traços deletérios.

Os traços da poesia de Álvares de Azevedo que mais parecem incomodar Castellamare são seu teor cético e lamentoso, associados à figura de *Lord Byron*, tributário, segundo França, “da tradição gótica, cujas raízes, por sua vez, remontam às tragédias shakespearianas e à poesia de cemitério” (2021, p. 95). Ao negá-la e sugerir que essa tendência seria esquecida, tal qual um mero modismo, o missivista nada mais faz que enaltecer uma das propostas colocadas para a construção da literatura brasileira, proposta que, financiada pelo próprio imperador D. Pedro II e encampada, de modos distintos, por escritores como José de Alencar e Gonçalves Dias, veio a ser a mais legitimada. Dentro desse cenário de disputas políticas e literárias, com o qual Álvares de Azevedo não se isentou de polemizar,<sup>13</sup> um aspecto interessante a ser considerado é que tanto o projeto literário indianista quanto o byroniano/gótico são provenientes do exterior, mas o primeiro é tomado como eminentemente nacional e o segundo, como excrescência.

Júlio França explica que o malogro deste segundo projeto está diretamente ligado à “visão de mundo pessimista que lhe dava forma, incompatível com as aspirações de uma nação que precisava apostar no futuro” (2021, p. 94). Tal sentimento decorre de “uma profunda desilusão com os rumos da humanidade”, da nossa “capacidade de conhecer a realidade – e de transformá-la, para melhor” (FRANÇA, 2021, p. 97). Consequentemente, há a emergência do sobrenatural e de efeitos estéticos negativos que apontam para essa incapacidade, fazendo com que a literatura gótica esteja ligada ao real, apesar de não o representar diretamente. O que pode fazer com que suas manifestações sejam tidas por afetações, um mal-estar não verdadeiramente sentido, conforme sinalizado na carta acima citada, além de ser apontado como alheio à realidade nacional. É preciso lembrar que nem toda a literatura legada por Azevedo pode ser relacionada a essa estética, caso do poema “Anjinho” candidamente citado em outro momento. Porém, a parte mais rechaçada, intitulada de byroniana, guarda mais de um ponto de contato.

13. Referimo-nos, sobretudo, ao ensaio “Literatura e civilização em Portugal”, um dos escritos que mais contribuiu para o atributo de “antinacionalista” conferido a Azevedo.

A discussão acerca dos pressupostos programáticos de nossa literatura oitocentista é largamente conhecida e as possíveis limitações da perspectiva hegemônica observadas de há muito, como evidencia o célebre artigo de Machado de Assis, “Notícia sobre a atualidade da literatura brasileira – Instinto de nacionalidade” (1873). O que nos parece interessante destacar, neste estudo, é a dispersão e a legitimidade do discurso nacionalista romântico pelo país afora, por meio das páginas da imprensa, fazendo com que até mesmo as províncias mais distantes e tidas como incultas, caso do Piauí, pareçam identificar-se com ele, desdobrando-o no regionalismo que, por sua vez, pode até ocasionar cismas nessa pretensa identidade nacional. De todo modo, vale ressaltar, mais uma vez, a difusão da perspectiva localista, que cria uma espécie de barreira à penetração de uma literatura de matiz mais sombrio. Nesse sentido, pode-se dizer que a valorização das coisas da terra cria uma certa unidade, colocando à literatura a função de “apalpar todo o país” (CANDIDO, 2006, p. 433), dar a conhecê-lo aos seus diferentes habitantes, todos eles brasileiros.

É essa exaltação que podemos vislumbrar nos seguintes versos de Licurgo de Paiva, estampados nas páginas d’*A imprensa*, em meio aos estertores causados pela Guerra do Paraguai, ocupando, assim, um lugar de literatura oficial do país e, especialmente, a primeira página (quando a literatura aparecia, em geral, na última):

Se a causa é justa em direito  
Vingamos os nossos brios;  
Q’importa que corram rios  
De sangue – pelo preceito?  
Da honra a sã teoria  
Sigamos que iremos bem...  
Depois dos males d’um dia  
A glória a tropel nos vem!

Eis a prova manifesta  
Do que venho d’expender  
É um louro que não cresta  
O raio d’outro viver...  
Pátria, pátria! a glória é tua...  
E este brado que se escuta,  
N’agonia que lh’enluta  
Seu sossego perpetua!  
(PAIVA, A IMPRENSA, 1869, n. 195, p. 1).

É preciso reforçar que *A imprensa*, nas diferentes fases de sua longa trajetória, pode ser tomado como um jornal de cunho mais oficial (não exatamente do governo da província, mas de um partido). O periódico mantém, portanto, algum compromisso com projetos políticos que dialogassem com a relativa centralização do poder,

contribuindo para a não fragmentação do império brasileiro em diversas repúblicas,<sup>14</sup> intuito para o qual a unidade subjetiva proposta pela literatura romântica produzida no Brasil vinha a calhar.

### **Vestígios da descrença e do gótico**

Porém, isso não quer dizer que não havia outros jornais na província, talvez mais livres desses compromissos e mais inclinados a publicar exercícios literários um pouco mais alinhados às características que vimos anteriormente preteridas. Um exemplo deles é o periódico *O papyro*, dirigido por David Caldas, que trazia a designação de “puramente literário” em sua primeira página. Assim como outros que se dedicavam com exclusividade à literatura, os próprios redatores tinham consciência das dificuldades de sua empresa, fato que vem expresso em seu editorial, assinado por Domenico Zampiere:

Sabemos o quanto é difícil sustentar-se um periódico nesta província, aonde, em geral, há pouco gosto pela leitura, principalmente se se trata de – publicações literárias. [...] Sai pois o *Papyro*, a ver se é mais bem sucedido que outros pequenos periódicos literários, que tem tido aqui existência efêmera. Oxalá que o nosso pobre *Papiro*, que vai hoje aventurar-se à luz da publicidade pudesse ser – pergaminho ilustre – digno dos sábios e dos homens de letras do nosso país! (ZAMPIERE, O POPYRO, n. 1, 1874, p. 1).

Essa consciência, porém, não impediu o jornal de ter o mesmo destino de outras folhas contemporâneas: ele circulou regionalmente em apenas cinco edições de quatro páginas, no ano de 1874.

Seguindo a designação que segue o seu título, o jornal se dedicava totalmente à publicação de poemas, pequenos textos em prosa ficcionais ou de cunho reflexivo, além de alguns excertos de outros jornais nacionais e estrangeiros, fazendo versões. O elemento que gostaríamos de destacar é a presença do par ‘crença’, presente por meio de textos de cunho religioso e sentimental, e ‘descrença’, presente sobretudo nas reflexões dos redatores Domenico Zampiere e Lívio Druso. Essa oscilação é característica

---

14. Embora se possa falar, conforme Mattos, num “renascer liberal” nos anos de 1860 (1987, p. 2), após o tempo saquarema, não podemos desconsiderar os aspectos peculiares do liberalismo brasileiro oitocentista, que fomentou o ditado, corrente em meados do século: “nada tão parecido com um saquarema como um Luzia no poder” (cf. MATTOS, 1987, p. 103). Por outro lado, Mattos pontua o cerne da política liberal como um “modo [de] assegurar o predomínio de cada grupo em seu âmbito provincial, e que deveria expressar-se numa distribuição tendencialmente mais equilibrada do aparelho de Estado pelo território imperial” (MATTOS, 1987, p. 105). Trata-se, no entanto, de uma diretiva geral, pois, como se sabe, diferentes posturas podiam ser encontradas entre os integrantes do partido, inclusive nas províncias, caso do piauiense David Caldas que, advogando, a partir de um certo momento, em prol da república e da abolição da escravatura, veio a romper com os liberais, saindo do jornal *A imprensa* e fundando seu próprio periódico político, *O amigo do povo*. Nesse sentido, pode-se pensar que *A imprensa* se torna mais compromissado com um projeto centralizador, após a saída de Caldas, em 1868 (cf. PINHEIRO, 1997, p. 69).

do tumulto emocional que o movimento romântico procurou estilizar e muito frequente nos periódicos publicados em meados do oitocentos na Faculdade de Direito de São Paulo, caso dos *Ensaíes literários* (GARMES, 2006, p. 71).

Como exemplo deste último polo, destacamos o fragmento que abre o texto “O céu do desgraçado: veleidades céticas”, de autoria de Lívio Druso:

O desgraçado tem um céu negro, tétrico e cheio de nuvens pejadas de eletricidade que ameaça fulminá-lo a cada instante!

O céu do desgraçado não é abrilhantado pelo *sol* da glória; não é iluminado pela *lua* da felicidade; não é esclarecido pela *estrela* do amor: o céu do desgraçado é na verdade um céu todo ameaçador, medonho, tenebroso e povoado de imagens terríveis!... [...]

A glória é uma mentira; a felicidade é um sonho; o amor é uma irrisão! Tudo isso é tão verdade, que dirão talvez que eu plagiei este trecho – que é tão bonito de dizer-se, quanto é horrível de sentir-se, quando a alma se debate nas agonias de um viver miserável, fastidioso, estúpido até!...

Sou ateu do deus dos venturosos; da trindade dos que veem o universo sempre cheio de luz, vazada por um prisma. (DRUSO, *O POPYRO*, 1874, n. 2, p. 4).

Talvez Castellamare pudesse ver aqui uma das vocações poéticas danificadas pela influência das conversas céticas ostentadas pelo jovem Macário, estudante protagonista da peça homônima de Álvares de Azevedo, mas sem os laivos de esperança insuflados pelo aéreo Penseroso. Será essa presença a razão de Druso antecipar a acusação de plágio que poderia sofrer? Seja como for, fato é que os elementos naturais, geralmente exaltados em poemas de cunho nacionalista, não conseguem prover consolo ao eu-lírico, que permanece entregue a um espaço inóspito, justamente porque lhe falta a crença nesses elementos potencialmente transcendententes.

Por outro lado, mesmo com essa abertura maior ao ceticismo, que tem a sua poesia, conforme ostenta Macário (AZEVEDO, 2000, p. 548), e a uma estética pautada pela negatividade, há apenas uma singela menção a Álvares de Azevedo, que aparece em nota de rodapé, como mais um dos vates que garantiam a inspiração ao gênio de Zampiere, falange composta também por Gonzaga, Casemiro de Abreu, Delfina da Cunha, Gonçalves Dias, Junqueira Freire e Castro Alves (1874, n. 1, p. 3).

É apenas no início do século XX que Álvares de Azevedo receberá maior atenção dos literatos piauienses, a ponto de suscitar uma conferência a ele dedicada, proferida por Alcides Freitas (1890-1912) na Assembleia legislativa do estado e, no mesmo ano de 1912, publicada na revista *Litericultura* (ano 1, n. 8). Tal conferência alcançou notoriedade, primeiro pela pessoa do autor, que se projetava no meio intelectual teresinense que veio a, posteriormente, formar a Academia Piauiense de Letras, em 1917. Segundo, pelo local de sua execução, o que certamente lhe garantia prestígio. Nesse sentido, é

interessante destacar que a conferência foi reproduzida num dos jornais de maior circulação da época, o *Diário do Piauí* (1912, n. 185), fazendo com que o nome do poeta paulista realmente angariasse visibilidade.

Um incidente trágico, que veio a multiplicar as referências ao autor de uma forma não vista na imprensa do século XIX, é o falecimento precoce de Alcides Freitas que, além de psicólogo, era poeta. Assim, a cada vez que se lamentava a extinção de Freitas, lembrava-se de sua conferência e fazia-se uma analogia biográfica com o autor da *Lira dos vinte anos*:

Álvares de Azevedo era o seu poeta predileto. Venerava a sua memória e dele nos dizia: 'Muito cedo subiu à glória e muito cedo morreu.' Talvez que um pressentimento ligasse, assim tão intimamente, o seu espírito à memória do genial vate paulista. Como este, Alcides Freitas brilhou, com luz própria na literatura indígena para mui cedo se finar (L.C. *DIÁRIO DO PIAUÍ*, 1913, n. 126, p. 1).

Para além dessa curiosidade, outras razões mais conjunturais podem explicar o relativo aumento da popularidade de Álvares de Azevedo na província piauiense. Uma delas é a consideração feita por Magalhães acerca do desenvolvimento sociocultural pelo qual a região passou, após a proclamação da República. Segundo a pesquisadora, “só a partir da consolidação de instituições basilares para o desenvolvimento sociocultural como escola, imprensa, produção literária e aparelho tipográfico torna-se possível a existência de um sistema literário.” (2002, p. 115). Embora Ciarlini conteste essa afirmação, problematizando-a a partir do número de analfabetos existente no estado àquela altura (2019, p. 87), maior índice do país, e da baixa capacidade para produzir impressos de toda ordem, parece razoável considerar a diversificação da produção e dos interessantes literários, sobretudo pelo surgimento de um maior número de jornais e da maior durabilidade das folhas periódicas.

Por outro lado, a hipótese que nos parece mais condizente com o caminho aqui traçado é a do esmorecimento do projeto nacionalista romântico, que permitiu a observação de aspectos literários antes rechaçados, conforme pontuado anteriormente, o que daria mais liberdade aos escritores, de maneira geral. Como desdobramento disso, podemos mencionar a profusão das correntes simbolistas no estado, que aprofundam problemáticas românticas, notadamente aquelas de cunho mais lúgubre. Entre os poetas locais que se dedicaram à corrente simbolista, podemos citar o nome do próprio Alcides Freitas e de Da Costa e Silva (1885 – 1950), talvez o mais proeminente, a nível nacional.

Ademais, num âmbito maior, podemos arrolar a contribuição de Sílvio Romero à conformação do cânone nacional, do qual não exclui a poesia de Álvares de Azevedo, tendo-a em boa conta. A sua *História da literatura brasileira* havia saído em 1888 e Freitas, que foi estudante em Recife, local onde poderia ter mais contato com a obra deste

crítico, dialoga explicitamente com o texto de Romero para proferir a sua conferência. Esse é apenas um exemplo da importância cultural da Faculdade de Direito e da própria cidade de Recife, enquanto centro intelectual influenciador das províncias do Norte do Brasil, em detrimento da Faculdade de Direito de São Paulo.

Embora ambos os estudiosos ofereçam um interessante panorama da produção alvaresiana, não deixam de discutir as questões próprias do período e que ainda se estenderão por longos anos na recepção crítica de Azevedo: pensar a binomia, explicitamente concebida no segundo prefácio à *Lira dos vinte anos*, de um ponto de vista biográfico. Essa preocupação fica patente nessa passagem: “Azevedo, meus senhores, como sentencia Silvio Romero, não foi anjo nem demônio.” (FREITAS, LITERICULTURA, 1912, p. 94). Mesmo assim, Freitas não deixa de elucubrar acerca das experiências do poeta, concluindo: “Não sei! Azevedo foi isto (em sonhos só, talvez) e foi poeta...” (FREITAS, LITERICULTURA, 1912, p. 84).

Duas das mais importantes observações colhidas em Romero e que, encampadas por Freitas, alargam a compreensão da obra do poeta paulista que até então se havia tido na imprensa piauiense são, primeiramente, a efetiva contribuição que ele havia dado para a literatura brasileira:

Álvares de Azevedo, que cedo costumou sua retina penetrante a fitar no mundo da grande poesia a luz miraculosa que no seu cérebro de gênio se fez sol, arrancou-nos da nefasta influência lusitana, abrindo um caminho largo e novo à literatura romântica daqueles tempos. (FREITAS, LITERICULTURA, 1912, p. 83).

Tal reflexão é o avesso da primeira menção crítica a Azevedo por nós discutida. Nesse momento, além de apresentar efetiva contribuição, vê-se o poeta como inaugurador de uma faceta mais moderna em nossa literatura.

Em segundo lugar e como desdobramento desse primeiro apontamento, os estudiosos enaltecem a capacidade de leitura, a vasta erudição de Azevedo. Freitas elenca autores como Lamartine, Musset, Goethe, Uhland, Shakespeare, Tasso, Schiller, George Sand e Byron. Quanto a este último, afirma ser o preferido de Azevedo, “o que mais condisse com o seu gênio de filho do século, e, por isso, o que mais vive e palpita na sua obra” (FREITAS, LITERICULTURA, 1912, p. 83). Como se vê, essa predileção, a pecha byroniana que tanto incomodou Castellamare, não se fazem presentes aqui.

A fim de apresentar e delimitar o valor da obra propriamente dita, Freitas vale-se, mais uma vez, do apoio de Romero: “Quanto ao valor da sua obra, diz Sílvio, deve se dizer que nele temos um poeta lírico e o esboço d’um *conteur*, d’um dramata e d’um crítico; o poeta’, porém, ‘é superior a todas as outras manifestações do seu talento” (ROMERO APUD FREITAS, LITERICULTURA, 1912, p. 85). Segundo o conferencista, trata-se de algo compreensível, por ser o talento poético mais natural que os

demais e, nesse sentido, afirma que a “poesia de Azevedo, quase toda amorosa e triste, é grande e simples como a alma da Mulher, que o inspirou” (FREITAS, LITERICULTURA, 1912, p. 86), transcrevendo, na sequência, o soneto “Pálida, à luz da lâmpada sombria” como um dos pontos mais altos dessa inspiração.

Porém, ele não deixa de comentar a faceta humorística, nem sempre lembrada nas apresentações do poeta: “No que toca a nota satírica, engalonada de um *humour* agradável e perfeito, o poeta tem páginas em prosa e verso, que sobram para colocá-lo na linha dos que, no gênero, foram tidos como superiores.” (FREITAS, 1912, p. 89) E transcreve aquilo que considera de mais superior produzido pelo poeta no gênero: o poema “Namoro a cavalo”. Ademais, faz ressoar outras notas menos ouvidas da lírica alvaresiana, transcrevendo estrofes de “Pedro Ivo”, para ele “superior à que, com o mesmo título, escreveu o condoreiro arrojado do “Navio negreiro”” (FREITAS, LITERICULTURA, 1912, p. 88).

É importante ressaltar, a nosso ver, o momento em que Alcides Freitas parece afastar-se das afirmações de Sílvio Romero. Se ele se detém na apresentação do poeta, vocação natural atribuída a Azevedo, vê aí mais que um esboço de *conteur*. Na *Noite na taverna*, na qual Romero via “algumas belezas entre muitas extravagâncias e afetações” (ROMERO APUD AZEVEDO, 2000, p. 39), Freitas vê muito mais: “Escrever, aos 19 anos, os contos fantásticos da *A noite na taverna*, meus senhores, é prometer, para o futuro, ser maior do que Homero e sonhar ter na frente uma coroa de louros de luz com hastes de raios de sol!” (LITERICULTURA, 1912, p. 93) Em seguida, o conferencista passa a fazer um breve resumo dos acontecimentos atrozizados narrados pelos cinco convivas ébrios, finalizado por um “último beijo de amor” e pelo “estrondo do baque de um corpo...” (FREITAS, LITERICULTURA, 1912, p. 94).

Alcides Freitas não chega a se posicionar quanto à questão do nacionalismo literário, um dos passos finais do texto de Sílvio Romero, o qual não deixa de sentenciar o descabimento da postura antinacionalista de Azevedo em “Literatura e civilização e Portugal”. Talvez seja justamente essa ausência que permita ao escritor piauiense tecer comentário tão efusivo à *Noite na taverna*, comparando-a à grandeza de Homero. Vale lembrar que essa obra de Azevedo pode ser lida como tributária da literatura gótica e o seu destaque deixa entrever o reposicionamento dos interesses literários no meio cultural em questão, mesmo que ele ainda sofresse a ascendência das ideias provenientes do Recife. Dessa forma, a conferência de Freitas parece marcar um ponto de virada na circulação do autor da *Lira dos vinte anos* na província do Piauí, pelo que podemos apurar em nosso estudo, na verdade, ela marca quase uma estreia.

## Considerações finais

Voltemos à questão que deu ensejo a essas páginas, a popularidade de Álvares de Azevedo, por meio da consideração inicial de Sílvio Romero na passagem de sua história literária dedicada ao poeta paulista:

É um dos poetas mais lidos e amados no Brasil [...]. Gonçalves Dias, Castro Alves e Fagundes Varela vêm logo após na popularidade. Isto no Brasil em geral; porquanto no Norte em especial, nenhum é mais lido e mais recitado do que Tobias Barreto, sendo para lembrar que a notoriedade deste tende a aumentar em todo o país, ao passo que a dos outros tem permanecido estacionária (ROMERO *apud* AZEVEDO, 2000, p. 26).

Afora a amizade e a admiração de Romero por Tobias Barreto, o que não lhe garantiu, como se sabe, maior circulação de sua obra, o que podemos pensar, a partir do excerto acima, é o esquematismo que constitui as histórias literárias e a própria crítica literária. Esquematismo esse que pode ser revisto, relativizado pela pesquisa das fontes primárias oitocentistas, que nos permitem observar a efetividade da circulação de obras e autores, uma vez que elas eram mencionadas de diversas formas nas páginas periódicas, os interesses que perfaziam o gosto em cada região, etc.

Se não se pode negar a notoriedade da obra de Álvares de Azevedo, como se pode aferir pela quantidade de edições que ela alcançou no século XIX e pela menção a sua obra nas páginas periódicas da corte e de Portugal, não se pode dizer que ela estava alastrada por todo o país, onde se podia entrever alguma circulação cultural, por mais diminuta que fosse. É fato, porém, que muitas vezes nos esquecemos que essas afirmações generalizantes enfatizam os centros culturais mais proeminentes, ignorando a dispersão da leitura e do gosto pelas províncias mais afastadas desses centros, no caso, Rio de Janeiro, Recife, Salvador e mesmo São Luís, chamada de “a Atenas brasileira” no período aqui discutido.

É certo que, conforme pontuamos no seu devido lugar, a pouca ressonância da obra de Azevedo na província do Piauí, justamente num momento em que ela conhecia um ápice pode ser advinda do pequeno desenvolvimento da imprensa cultural na região, que veio a ser mais significativo nas décadas de 1870 e 1880, ao observarmos o aumento do número dos jornais totalmente dedicados à literatura. Esse descompasso talvez produzisse uma lacuna temporal que dificultasse a divulgação da obra do autor. Por outro lado, outros escritores românticos, inclusive aqueles citados por Romero, têm seus poemas vez ou outra servindo de epígrafe ou disputando o espaço com os poetas locais, o que praticamente não ocorre com Álvares de Azevedo.

Nesse sentido, quer nos parecer que a hipótese da dispersão do discurso nacionalista romântico, que se desdobra no regionalismo, cumpre papel importante mesmo

nas províncias mais afastadas. Ele cria um elo que acaba dificultando o espaço para obras que não dialoguem diretamente com essa estética, caso da alvaresiana. Tal discurso, aliado ao gosto local, expresso lapidarmente nesse trecho de Franklin Távora apresentando o maior expoente piauiense do sertanismo romântico, José Coriolano de Souza Lima (1829 – 1869), assevera o que viemos pontuando: “Vocabulário, preconceitos, episódios, tudo é sumamente brasileiro, e particularmente nortista” (A IMPRENSA, 1883, v. 789, p. 4). Isso faz com que Távora afirme, a propósito de *Impressões e gemidos* (1870), que “a lágrima em Coriolano [fosse] a expressão da realidade, não a do romantismo mórbido e piegas por escola” (A IMPRENSA, 1883, v. 789, p. 4), sendo uma de suas grandes qualidades a descrição. Não por acaso, tal estudo aparece nas páginas d’*A imprensa*, um jornal mais ligado a interesses políticos, veiculando o que poderíamos chamar de voz oficial da literatura na província do Piauí.

Quando arrefeceu o discurso nacionalista romântico, que atingiu, como vimos, a força de norma, a obra de Álvares de Azevedo alcançou um outro patamar nessa província, *pari passu* a diversificação do meio cultural.

## Referências

- ALVES, Castro. “Vozes d’África: o escravo”. *O argonauta*: periódico literário, crítico e chistoso. Teresina. 28 jul. 1877, v. 5, p. 2-3.
- ASSIS, Machado. “Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade”. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/109-noticia-da-atual-literatura-brasileira-instinto-de-nacionalidade>>. Acesso em: 23/06/2020.
- AZEVEDO, Álvares. “Anjinho”. *O Expectador*, Teresina, 3 jan. 1861, n. 92, p. 4.
- \_\_\_\_\_. “Glória moribunda”. *A imprensa*: periódico político, Teresina, 21 abr. 1869, n. 195, p. 2.
- \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Alexei Bueno (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Poesias completas*. Edição crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos/Organização de Iumna Maria Simon. Campinas: Ed. da Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- BRANCO, Camilo Castelo. Vinte horas de liteira. *A pátria*. Teresina, 11 fev. 1871, v. 44, p. 1.
- BURGARDT, Camila Machado. *Prosa de ficção oitocentista: revisando práticas de escrita literária na imprensa paraibana*. 2018. 226f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CASTELLAMARE, Pietro. Terra à terra. *A imprensa*: periódico político. Teresina, 16 dez. 1865, n. 21, p. 3-4.
- \_\_\_\_\_. Terra à terra. *O publicador*. João Pessoa, 11 out. 1865, n. 930, p. 3-4.
- CIARLINI, Daniel Castello Branco. *Imprensa e literatura piauiense na República Velha: gênese de um campo e circuitos literários*. 2019. 336f. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

- DRUSO, Lívio. O céu do desgraçado: veledades célicas. *O papyro*. Teresina, 10 jun. 1874, n. 2, p. 4.
- FERREIRA, Vinícius Ribeiro Cordão; RÉGO, Ana Regina Barros Leal. Do jornalismo político à visibilidade literária: o panorama da imprensa piauiense no século XIX. *Temática*, Ano X, n. 09, pp. 122-139, Setembro/2014.
- FÉVAL, Paul. As últimas fadas. *O Piauihy*. Teresina, 10 abr. 1869, v.72, p. 1.
- \_\_\_\_\_. As últimas fadas. *O Piauihy*. Teresina, 15 abr. 1869, v.73, p. 1.
- FILHO, Alcebiades da Costa. Circulação de livros no Piauí oitocentista. In SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA: impressos no Brasil do século XIX. n. 3, 2013, São Luís. *Atas* [...]. São Luís, UEMA, 2013, p. 1-9.
- FILHO, Celso Pinheiro. *História da imprensa no Piauí*. 3ª ed. Teresina: Zodíaco, 1997.
- FILHO, Pedro Pio Fontineles, PEREIRA, Wellington dos Santos. Nos domínios da Sexete: história, sociedade e cultura nos folhetins em Teresina-PI, na segunda metade do século XIX. In: SOUSA NETO, Marcelo de; ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo;
- FONTINELES FILHO, Pedro Pio (Org.). *A história sob múltiplos ângulos: trajetórias de pesquisa e escrita*. Vol. 1. Teresina, PI: EDUESPI, 2020, p. 63-84.
- FRANÇA, Júlio. Ainda sobre o gótico no Brasil: o caso de Noite na taverna. In: WERKEMA, Andréa. *Cuidado, leitor: Álvares de Azevedo pela crítica contemporânea*. São Paulo: Alameda, 2021, p. 89-116.
- FREITAS, Alcides. Álvares de Azevedo. *Diário do Piauihy*. Teresina, 25 ago. 1912, n. 185, p. 3-4.
- \_\_\_\_\_. Álvares de Azevedo. *Litericultura*. Teresina, ano 1, n. 8, p. 81-97, 1912.
- GARMES, Hélder. *O Romantismo Paulista: os Ensaios Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860*. São Paulo: Alameda, 2006.
- HOFFMANN, E.T.A. Treva na luz. *A Opinião Conservadora*. Teresina, 28 out. 1875, v.86, p. 2-3.
- L.C. Alcides Freitas. *Diário do Piauihy*. Teresina, 4 jun. 1913, n. 126, p. 1.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. A educação dos leitores e a formação do sistema literário piauiense. *Scientia et Spes: revista do Instituto Camilo Filho*. Teresina, ano 1, n. 1, p. 113-132, 2002.
- MATTOS, Ilmar Rohloff. *O tempo saquarema*. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- PAIVA, Licurgo de. “Abreu e Lima”. *A imprensa: periódico político*, 21 abr. 1869 n. 195, p. 2.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Edições das poesias de Álvares de Azevedo. Apud AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas*. Edição crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos/Organização de Iumna Maria Simon. Campinas: Ed. da Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- ROMERO, Silvío. Álvares de Azevedo. Apud AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Alexei Bueno (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Tomo V. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.
- SANTOS, Natália Gonçalves de Souza. Nas grandes e pequenas folhas: Álvares de Azevedo na imprensa lusa oitocentista. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 37, p. 156-189, 2020.
- TÁVORA, Franklin. José Coriolano. *A imprensa: periódico político*. Teresina, 8 set.1883, v. 789, p. 4-5.
- VARELA, Fagundes. “Ressureição de Cristo”. *A phalange*. Teresina, 3 jul. 1889, v. 25A, p. 2.
- ZAMPIERE, Domenico. Introdução. *O papyro*. Teresina, 23 mai. 1874, n. 1, p. 1.
- \_\_\_\_\_. “Minhas novas afeições”. *O papyro*. Teresina, 23 mai. 1874, n. 1, p. 3.